

Os Ateliers no XV AcaNac do CNE - 1978

**CARLOS ALBERTO PEREIRA
CARLOS NOBRE
(DIRIGENTES DO CNE)**

Neste Acampamento da reconciliação, tive o privilégio de ser o Chefe de Campo da II Secção, aos 25 anos de idade, e ter reunido uma equipa fabulosa, acamparam, pela primeira vez, jovens (rapazes e raparigas) e procuramos organizar atividades inovadoras e atrativas. Hoje, vou falar-vos do campo dos ateliers, melhor dizendo, vou dar-vos a conhecer o que foi tudo isto, não pelo meu testemunho, mas pela pena do dirigente Carlos Nobre, do Porto, que publicou um artigo no Jornal de Campo "O Moliceiro" e republicado na Flor de Lis de set/out de 78, onde se fez uma retrospectiva desta atividade:

«Os Ateliers (ou da vantagem de praticar o grande projeto)

Ainda pouco conhecidos entre nós, melhor no escutismo português, e muito menos praticados, os ateliers, invenção importada de França, tiveram neste XV Acampamento o lugar que merecem. Eles são para o Júnior o aliciante do-gosto, o aperfeiçoar das mãos, o domesticar dos pensamentos e das ideias! ...

Pelo sim e pelo não, logo que neles ouvi falar, fui dar a volta para ver com os meus próprios olhos como eram. Abalei por entre os pinheiros e chegando lá comecei a inteirar-me um por um. Na realidade, tudo o que tinha ouvido delas era verdade! Os Juniores gastaram uma atividade percorrendo os 14 postos, trabalhando em couro e cabedal, fazendo anilhas, bainhas para



as facas de mato e com tubos de plástico faziam flautas. A seguir, de simples canas, estas passavam a ter a capacidade de pescarem. Era, na verdade, o 3º posto.

Havia ainda que trabalhar em madeira no posto "talha", para logo de

seguida pegar em ossos e fazerem pentes, objetos de adorno e outros. Com linóleo e uma soveia para nele desenhar os grandes ideais que esta gente pequena tem, aí estava o posto da impressão. Vi sair de muitas mãos lindos desenhos, premiados

também com um bom número de milhas.

O posto 7, era de habilidades em madeira, e as facas de mato faziam milagres... A olaria-cerâmica não foi esquecida. Ali estava ela com uma grande exposição de peças já feitas, que tentavam absorver agora o calor do sol para secarem: cinzeiros, flores de lis, pratos, bonecos, canecas, etc. As cordas dobravam-se em lindos bonecos que ganhavam consistência com o arame que os enchia, dobradas sobre si eram revestimentos de frascos, tornavam-se flores e lindos desenhos. Nos tornos alguns escuteiros faziam garfos compridos, limavam-nos e tornavam-nos a limar, batiam-lhes para que os seus dentes se curvassem e ficassem prontos. Mais fácil, mas não menos útil foi a exerci-

tação que no posto seguinte os juniores faziam desenhando a seu gosto o que quisessem, e, depois passando em decalque na chapinha. Vi, atrás, pendurados num fio, alguns destes trabalhos representando entre outros abelhas, borboletas e flores de lis.

No posto 12 os juniores de latas velhas de óleo faziam lanternas e objetos diversos. A seguir, o trabalho era mais mole, pois era em gesso. Por último, o posto 14 era dedicado à decoração. Nele os escuteiros com os pincéis decoravam latas e outros objetos.

Como dizia no princípio deste apontamento, estes ateliers conseguiram o que pretendiam. Estão bem montados trazendo para o escutismo o sabor da descoberta, da criatividade e da habilidade manual.»

A Rocha de Conselho no Escutismo

**FILOMENA TEIXEIRA SOUSA
(DIRIGENTE DO CNE)**

Nos finais da década de 70 sentia-se, na sociedade portuguesa, a necessidade de mais informação, ânsia de saber e experienciar coisas novas. O movimento escutista, sempre preocupado com a formação integral dos seus jovens e dirigentes, não ficou incólume a esta necessidade. Da chefia nacional chegavam novas orientações, fundamentalmente, de natureza pedagógica, para implementação nas diversas secções, nomeadamente para a Alcateia, a primeira secção, dos agrupamentos do movimento escutista. Na Alcateia, os Lobitos, com idades entre os 6 e os 10 anos, estão organizados em bandos. Chamam-se Lobitos porque o imaginário desta

secção é inspirado no Livro da Selva, de Rudyard Kipling. Nele, Maugli, uma criança indiana abandonada na selva, é adotada e criada no seio de uma alcateia de lobos junto da qual, com outros animais seus amigos, aprende as leis da selva e a escutar o coração. A Chefe da Alcateia é a Akelá e ao seu grito toda a alcateia se reúne, à volta da Rocha do Conselho, para escutar os seus ensinamentos e as leis da selva.

Na referida época, nas atividades realizadas para os Lobitos, no núcleo de Braga - Corpo Nacional de Escutas - constatou-se que as chefias das Alcateias, nem sempre conseguiam acompanhar e implementar as mudanças pedagógicas que o Sistema de Progresso e do Manual do Lobito preconizavam. Daí, surgiu



a necessidade de os dirigentes se reunirem para refletir e avaliar o que corria menos bem nas atividades dinamizadas pela Junta de Núcleo de Braga e nas desenvolvidas em cada Alcateia. Era crucial propiciar momentos pa-

ra partilha de experiências, apoiar nas lacunas e nas dificuldades sentidas e criar dinâmicas de formação dos dirigentes. Com todos motivados e empenhados na mudança, deu-se novo fôlego à Rocha de Conselho. Assim,

dinamizadas pelas dirigentes Ana Maria Azevedo, Angelina Pinto e Filomena Teixeira, no último domingo de cada mês, na Junta de Núcleo de Braga, reuniam-se todas as dirigentes das Alcateias. Em cada sessão era feita a

exploração e compreensão do Livro da Selva, recorrendo-se à construção de materiais, a técnicas de animação/comunicação e a dinâmicas de trabalho em grupo, para aplicar com os lobitos. Eram exploradas as dentadas do Sistema de Progresso, correspondente às setas de bronze/ prata/ouro, que o Lobito alcançava conforme ia realizando as respetivas aprendizagens e adquirindo novas competências. Estes encontros tiveram impacto nas Alcateias, ao nível do progresso das aprendizagens e uniformização de práticas. Foram importantíssimos pois, longe das tecnologias atuais, eram a única forma de informação, comunicação e atualização de conhecimentos da pedagogia escutista, para muitos daqueles dirigentes.